

Éticas Religiosas e Desemprego

Simone Valdete dos Santos ¹

Resumo:

Apesquisa de doutorado em Educação, realizada na cidade de Pelotas, de 2000 a 2002, envolvendo pessoas adultas desempregadas, de baixa escolaridade, moradoras de bairros da periferia, revelou éticas religiosas inerentes aos credos pentecostais e umbandistas, os quais influenciaram a organização de grupos de desempregados, especialmente os integrantes da política pública Estadual de Geração de Trabalho e Renda "Coletivos de Trabalho". Tal programa, cuja duração era de 10 meses, previa o trabalho coletivo em mutirões de limpeza nos bairros, pintura em prédios de escolas; cursos profissionalizantes visando a iniciativas de cooperativas, associações. Seus participantes recebiam uma bolsa-trabalho no valor de um salário mínimo. A metodologia de pesquisa utilizada foi a etnografia, com registros em diários de campo, possibilitando observar o quanto as práticas religiosas pentecostais e umbandistas promoveram lógicas próprias de sociabilidade, intermediação da convivência. Foi também aplicado um questionário a um número significativo dos participantes dos coletivos de trabalho, instrumento que possibilitou uma análise quantitativa de tal política. Clifford Geertz, Regina Novaes, Francisco Cartaxo Rolim compõem autores referenciais da investigação. O processo de identificação religiosa de pessoas desempregadas adultas, como pastora evangélica da Assembléia de Deus e mãe de santo de uma terreira de umbanda, as quais nunca obtiveram vínculo formal de trabalho, compõe papéis sociais agregadores, reveladores de éticas religiosas que corroboram com os resultados das políticas públicas de qualificação profissional, geração de trabalho e renda.

Palavras-chave:

Éticas Religiosas. Umbanda. Credos Pentecostais. Desempregados.

Abstract:

The doctorate research in Education, realized in Pelotas, from 2000 to 2002, involving unemployed adults with a lower schooling, who lived in the suburban neighborhoods, revealed inherent ethics in the pentecostal and umbandista beliefs, which influenced the organization of unemployed groups, especially the members of the State Public Politics of Work and Income Creation "Work Collectives". Such program, which would last 10 months, anticipated both a community participating collective work for several areas, such as cleaning the neighborhoods, painting the school buildings and a vocational training aiming at initiatives of cooperatives, associations. Its participants would be granted a salary aid of a minimum wage worth. The research methodology used was the ethnography, registred in fieldnotes, making it possible to observe how much the pentecostal and umbandistas religious practices promoted their own logics of social relations, mediator of living in groups. A questionnaire was also applied in a significative number of the participants of the work collectives, a tool which yielded a quantitative analysis of such politics. Clifford Geertz, Regina Novaes, Francisco Cartaxo Rolim are referencial authores of this investigation. The process of religious identification of adult unemployed people, who had never had a formal link of work, in evangelical pastor of Assembléia de Deus and mother-of-saint of a Umbanda's site, called terreiro, form aggregate social roles, which reveal the religious ethics that corroborate with the results of the public politics of professional qualification, work and income creation.

Keywords:

Religious Ethics .Umbanda. Pentecostal Belief. Unemployed People.

¹ Professora Doutora da UFRGS - E-mail: ssantos5@terra.com.br

Considerações Iniciais

A religião colocou-se para os sujeitos da pesquisa de doutorado em Educação de SANTOS (2003) como um fator preponderante de sociabilidade, de intermediação da convivência.

A investigação foi desenvolvida na cidade de Pelotas, de 2000 a 2002, envolvendo pessoas desempregadas, moradoras da periferia, sobretudo os integrantes da política pública do governo do Estado "Coletivos de Trabalho".

O programa "Coletivos de Trabalho" teve caráter emergencial, à medida que ofereceu uma renda de um salário mínimo, durante 10 meses do ano de 2002, e melhoria na organização das comunidades, pois a contrapartida de tal recebimento consistia em mutirões de limpeza dos bairros, pintura nas escolas; e caráter estratégico, pois visou ao apoio das iniciativas auto-sustentáveis de geração de trabalho e renda, uma vez que oferecia cursos de qualificação profissional observando escolas e iniciativas de seus participantes.

O instrumento de pesquisa escolhido para o entendimento dos Coletivos de Trabalho foi um questionário aplicado aos três grupos que compunham o programa em Pelotas, quais sejam: moradores da Colônia de Pescadores Z3, moradores do Bairro Navegantes e integrantes do Movimento dos Trabalhadores Desempregados - MTD, sendo estes últimos moradores do Bairro Balneário dos Prazeres, da ilha da Páscoa, do Fragata e do Bairro Getúlio Vargas; ainda compunham o MTD, em Pelotas, integrantes do assentamento rururbano da Sanga Funda. Foi representativo o resultado, pois, dos 250 participantes dos Coletivos de Trabalho na cidade, 160 responderam ao questionário. Além dos resultados advindos desse instrumento, convivi com os integrantes dos Coletivos de Trabalho em diversas atividades de caráter municipal e local, visitei a casa de alguns, com registros em diários de campo, conformando uma análise de cunho etnográfico.

Na questão de número 5 do questionário - "Sua Religião" - a qual consistia na apresentação de inúmeras alternativas de credos religiosos², estabelecendo um possível agrupamento das religiões assinaladas, estavam 28 pessoas dos Coletivos de Trabalho em confissões protestantes; duas, na Evangélica Luterana; uma, na Anglicana³, e 25 pessoas nas denominadas religiões protestantes pentecostais, quais sejam: Evangélica Santa Missão, Família de Deus, Reunião de Canaã, Adventista do 7º dia, Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus, Evangélico Quadrangular. As religiões afro-brasileiras - umbanda e candomblé - são freqüentadas por 14 pessoas. Há oito espíritas e, predominantemente, católicos - um total de 87.

A concepção de Geertz (1978) sobre religião estabelece relações importantes com as conclusões da pesquisa, na medida em que o autor referencia religião como sistema cultural, retratando as opções morais, estéticas, de visão de mundo de determinado grupo. Nas práticas religiosas, acumula-se o *ethos* de um grupo diante de seu contexto vivido:

As inclinações que os símbolos sagrados induzem, em épocas diferentes, vão desde a exultação até a melancolia, da autoconfiança à autopiedade, de uma jocosidade incorrigível a uma suave apatia - para não falar no poder erógeno de tantos mitos e rituais mundiais. Não se pode falar de apenas uma espécie de motivação chamada religiosidade, da mesma forma que não existe apenas uma espécie de inclinação que se possa chamar devoção (Geertz, 1978, p. 111).

O sincretismo religioso⁴ é bem típico do Brasil, expresso no fato de as pessoas seguirem uma religião e participarem de cultos, determinadas práticas religiosas em outras.

² Sendo as alternativas colocadas: Adventista do 7º Dia, Anglicana, Assembléia de Deus, Candomblé, Católica, Espírita, Evangélico - Universal do Reino de Deus, Evangélico Luterano, Evangélico Quadrangular, Evangélico Santa. Missão, Família de Deus, Reunião de Canaã, Umbanda, Não Tem Religião, Outra - Qual?

³ D'epinay (1970) em seu estudo sobre a participação política dos pentecostais no Chile, em 1965, diferencia o protestantismo do pentecostalismo, afirmando que o primeiro envolve as denominações tradicionais ou históricas colocadas como igrejas de importação (Igrejas Luterana, Calvinista, Anglicana, Batista, Metodista). O pentecostalismo, por sua vez, é a expressão nacional de um movimento que ultrapassa as fronteiras dos países e soube conquistar seu lugar entre o povo pobre. No presente texto, a referência aos evangélicos é sempre relacionada aos pentecostais.

⁴ Conforme o estudo de Novaes (1985): "No catolicismo vivido pelos agricultores de Santa Maria, há lugar também para o xangozeiro e o espírita. Estes não são vistos como substitutos do padre, mas como alternativas paralelas. As agências religiosas onde atuam não exigem adesão exclusiva dos clientes, os quais sempre justificam a procura destes funcionários religiosos como resultado de um momento de desespero e fraqueza diante de uma dificuldade". (grifos da autora, p.55). O sincretismo religioso é muito favorecido pela não-cobrança da Igreja Católica em relação à exclusividade dos fiéis, sendo, na comunidade em que Novaes pesquisou, possível substituir o padre, em momento de desespero e fraqueza, pelo xangozeiro, pelo espírita. Mello (1994) constatou, em sua pesquisa sobre a resistência negra à escravidão através do batuque, a convivência dessas práticas com o catolicismo: "[...] o batuque e outras práticas mágico-religiosas conviviam com o catolicismo, com irmandades de negros e com confrarias religiosas leigas, evidenciando que as alternativas forjadas pelos negros escravizados e libertos compreendiam um leque amplo e os caminhos de expressão e espiritualidade eram muitos". (p. 48).

Conforme os dados do questionário, um participante dos Coletivos de Trabalho, no bairro Navegantes, afirmou sua crença na religião Católica e na Umbanda; uma pessoa do Movimento dos Trabalhadores Desempregados segue o Candomblé e a Umbanda, e três integrantes dos Coletivos de Trabalho, na Colônia de pescadores Z3, afirmaram seguir a religião católica e a espírita.

Esse sincretismo religioso de uma parte significativa dos brasileiros, por certo, favorece as trocas, a convivência entre as diferentes confissões religiosas.

No grupo pesquisado, foi possível reconhecer um conjunto de valores, de posturas e de atitudes determinados pela confissão religiosa à qual o sujeito pertencia, conjunto esse que estou denominando como ética religiosa.

É possível também identificar a religião como fator agregador dos sujeitos participantes dos Coletivos de Trabalho nos resultados da pergunta de número 6 do questionário. Na referida questão, era necessário assinalar quantas pessoas pertencentes à sua religião participavam dos Coletivos. Na Colônia de Pescadores Z3, do total dos 90 questionários, 79 pessoas responderam a essa questão; apenas quatro assinalaram que uma pessoa dos Coletivos era de sua religião; 55 colegas responderam que mais de seis colegas eram da sua religião; 20 pessoas responderam que entre duas a cinco pessoas participavam de sua religião. No MTD, de um total de 23, 17 responderam a essa questão, sendo que somente uma respondeu que um colega era de sua religião; sete pessoas responderam que mais de seis colegas eram da mesma religião; 9 pessoas responderam que possuem de dois a cinco colegas da sua religião nos coletivos. No Navegantes, de um total de 45 pessoas, 30 responderam a essa questão; somente dois responderam que um colega participava de sua religião; 24 responderam que mais de seis colegas participavam de sua religião; quatro pessoas afirmaram que de quatro a cinco pessoas do grupo participavam da sua religião.

Pelos resultados do questionário, os participantes dos Coletivos de Trabalho identificam no convívio pessoas da sua religião, pois apenas alguns, os mais jovens, saíam perguntando para os colegas, durante o preenchimento do questionário, a sua religião; os mais velhos assinalaram sem qualquer espécie de levantamento.

Os pentecostais e os pertencentes aos cultos afros, em especial, destacaram-se na demonstração dessa ética religiosa que, ao fim e ao cabo, representa uma outra forma de identificação, de identidade que não a vinculada ao trabalho assalariado, à profissão.

1. Éticas Pentecostais e Desemprego

Dois informantes importantes dos Coletivos de Trabalho — Neusa⁵ e Virgínia — a primeira da Colônia de Pescadores Z3, e a segunda do Movimento dos Trabalhadores Desempregados do Balneário dos Prazeres, têm um papel destacado em seus grupos e são evangélicas.

Neusa lidera o pessoal da reciclagem de lixo que está organizando uma cooperativa após o convívio nos Coletivos de Trabalho. Distribuiu os questionários aplicados nos Coletivos na Z3 para mim, explicou seu papel no grupo como evangelizadora⁶. Esse papel evangelizador, pelas minhas observações, colabora com esses grupos de pouca escolaridade, pois Neusa e também Virgínia visitavam quem estava faltando no grupo, investigavam o porquê da falta, exerciam uma função agregadora, articuladora no grupo.

No grupo de Virgínia, do Balneário dos Prazeres, a maioria de seus membros é das religiões afro, principalmente da umbanda, um número expressivo é negro. Segundo Virgínia:

Eu não acredito no que eles acreditam. Eles ficavam falando às vezes nas reuniões do grupo de trabalhos nas encruzilhadas, acho que era para me provocar, porque depois pararam. Eu não dou bola, eu sou da Assembléia Moderna.

⁵ Os nomes aqui colocados são fictícios, a fim de facilitar a leitura e não expor os sujeitos da pesquisa.

⁶ Conforme Rolim (1980), durante 1910 a 1930 é que a religião pentecostal se afirmou nos meios populares no Brasil. Pessoas sem destaque na Igreja Católica, cujo evangelismo então existente havia penetrado muito pouco: pedreiros, carpinteiros, cortadores de madeira, serventes de pedreiros, faxineiros, varredores de rua, motoristas, maquinistas de trens, pequenos alfaiates, sapateiros, eletricitistas, mecânicos, feirantes, balconistas, empregadas domésticas, cozinheiras, trabalhadores de pequenas indústrias, ferroviários, começam a exercer papel de pastor, pregador da palavra e diácono, após um processo de formação, ou mesmo observando o trabalho do pastor/pregador e decorando suas palavras, carregando uma Bíblia embaixo do braço, muitas vezes sem serem alfabetizados. Esse novo pentecostalismo é um espaço de espontaneidade: "Gente que nunca teve voz nos templos católicos e sempre foi mandada pelos vigários descobria agora um tipo de igreja onde podia exprimir sua crença, livremente, e com espontaneidade de gestos e palavras dizer o seu recado a Deus fazendo suas orações em voz alta, gritar seus louvores ao poder de Deus". (Rolim, 1980, p. 143). Novaes, na reportagem sobre religião, do jornal do IBASE (Dez. 99/Jan. 2000), afirma a esse respeito: "Para Regina, estamos saindo de uma perspectiva religiosa tradicional para uma questão de escolha pessoal. O crescimento evangélico no Brasil está acontecendo principalmente em áreas pobres e violentas. Há várias razões que explicariam o fato. As igrejas evangélicas são mais ágeis, até na disponibilidade em instalar-se em qualquer lugar. Existe uma proximidade social dos pastores com a população". (Jornal da Cidadania, p. 4).

Neusa me contou ser missionária de uma dissidência da Assembléia de Deus:

Eu sou missionária, tenho a minha fé, escuto Deus, mas acho que a gente precisa conviver com todas religiões. (Neusa dá cultos). É bom dar culto, a gente ganha até R\$ 20,00 por culto, que dá para um pastor em outra cidade, quando visita uma comunidade.

Os cultos colocam-se inclusive como uma alternativa de renda. Recuperando a memória da formação dos cultos protestantes, aos quais os pentecostais se integram, é possível reforçar a valorização da religião pelo que ela processa no comportamento das pessoas, não por um valor em si, refletindo principalmente sobre o papel da mulher nas práticas religiosas. No caso de Neusa, o pastor lhe paga pelos cultos, não há muita liberdade (pelo que percebi nas conversas com ela sobre sua Igreja - uma dissidência da Assembléia de Deus) para ela coordenar uma comunidade, ser a pastora responsável pela comunidade, não apenas substituta dos cultos do pastor.

Do modo como as coisas se passaram, as mulheres sofreram por sua falta de poder tanto em terras católicas como nas protestantes, desde o final do século XVI até o século XVIII, quando as mudanças nas leis matrimoniais restringiram a liberdade das esposas ainda mais, quando as guildas femininas definharam, quando o papel feminino no comércio médio e na direção das fazendas foi reduzido e quando a diferença entre o salário masculino e o feminino ampliou-se. Tanto na França católica como na Inglaterra protestante, a senhora instruída lutou para estabelecer um papel para si: a mulher tornou-se figura familiar, fosse como solteirona ou como ursulina; a mulher autora de dramas teatrais lutou para ganhar a vida, desde a escandalosa Aphra Behn no século XVII até a escandalosa Olympe Gouges, no XVIII (Davis, 1990, p. 85).

Certa vez, quando estava em sua casa na Colônia Z3, chegou uma vizinha e ficou contando um episódio:

Minha mãe me levou em um rodeio, eu tinha ido no culto e não queria ir, mas ela insistiu e aí eu fui. Foi horrível (a moça, enquanto contava, fumava e tremia, penso que nervosa, recordando o fato) tinha dança, gente bebendo. Eu comecei a andar de um lado para outro querendo ir embora e dizia: seus ímpios, seres do mal... Um senhor, que viu que não me sentia bem, me ofereceu uma carona. Foi muito ruim. Neusa comentou: Tu vais te acostumar, vais inclusive parar de fumar, não vais ir a estes lugares e, se fores, vais entender os outros, Deus nos ensina também a entender aqueles que não alcançaram a Ele. E logo pediu que ela trouxesse água quente em uma térmica, para preparar um café para mim, pois estava sem bujão de gás. Quando a moça saiu: — Não dá bola para ela, não é muito certa da cabeça e agora está entrando na religião, tudo é novo para ela. Logo, a moça chegou com a água quente.

O fato de Neusa contemporizar as atitudes da moça em relação a sua escolha pela religião, seus aprendizados, a possibilidade de convívio com pessoas que *"não alcançaram a Deus"* demonstra sua maturidade, seu esforço de convivência, justificando para mim — pesquisadora —, que ela sabia não ser membro da Igreja.

Para Novaes (1985), ocorre a classificação de determinadas religiões como pentecostais.

O que permite classificar todas as denominações como pentecostais é, sobretudo, o núcleo doutrinário comum. Não se trata de crenças particulares. Sua especificidade reside na maior ênfase em certos aspectos da doutrina cristã, a saber: na crença da atuação do Espírito Santo sobre os fiéis contemporâneos, na busca de santificação através do desprezo à sabedoria humana e aos valores do mundo, e na espera pela segunda vinda de Cristo, quando os crentes serão resgatados e os não-crentes condenados (p. 16, grifo da autora).

A denominação "crente" faz parte do senso comum para referenciar os evangélicos pentecostais⁷.

⁷ Para Rolim (1980), o fundamento das práticas dessas religiões pentecostais ocorre: "Na crença de que o Espírito Santo derrama sobre os fiéis a variedade de seus dons, repetindo-se hoje episódios do cristianismo primitivo, reside o fundamento das práticas e crenças pentecostais. A Bíblia, principalmente os Atos dos Apóstolos e a Primeira aos Coríntios, fornece a base de credibilidade. Os textos são tomados ao pé da letra. A crença vai entrando nos corações através dos depoimentos sobre a mudança de vida dos crentes. A conversão, o falar línguas estranhas, o orar em línguas, as curas fazem eco ao que relata o texto sagrado. Não se preocupam com justificar racionalmente o poder de Deus. Esta experiência religiosa, dizem, não anda atrás de provas. Basta vivê-la". (p. 149).

Em conformidade com o entendimento de Rolim (1980) de que a experiência religiosa pentecostal não anda atrás de provas, me arrisco a afirmar que tais pessoas podem ser mais suscetíveis às alternativas de trabalho não-vinculadas ao assalariamento, pois acreditam, mesmo sem provas, que basta viverem a crença. Tal situação, talvez, as leve a se desvencilhar mais rapidamente do que denomino como luto do trabalho assalariado, até pelo seu "desapego às coisas do mundo", como Virgínia, que tantas vezes condenou os brincos e batons de suas colegas dos Coletivos de Trabalho do Balneário dos Prazeres.

O momento atual apresenta muitas explicações para o desemprego, mas viver essa situação sem cair no alcoolismo, mantendo a família unida, é um grande feito. Poderíamos até considerar um milagre, e de tal situação o pentecostalismo é promotor.

Neusa está ainda fazendo a sua casa. Ela conta com a ajuda de um rapaz que freqüentava a Igreja com ela na Colônia de Pescadores Z3. Eles tiveram uns conflitos com o pastor, o qual não aceitava as idéias deles, então resolveram sair. Estão procurando uma Igreja agora para freqüentar, segundo Neusa, alguma dissidência da Assembléia de Deus⁴.

Os fatos de a vizinha emprestar a água, a cuia, a bomba e a erva (fazer o chimarrão para nós) e de o rapaz construir a sua casa de graça (um banheiro de material cujos acessórios — vaso e pia — foram fonecidos pelo Programa Coletivos de Trabalho, que beneficiou muitas famílias da Z3⁵) demonstram os laços de solidariedade referenciados na mesma crença religiosa de todos. Sendo Neusa a mais "iniciada", pois já fez cursos, tem um entendimento bíblico, uma iniciação em falar em público, é autorizada a ministrar cultos, mostrou-me fotos de missões de que participou em cidades da Argentina (contou-me que fala espanhol) e em cidades de Santa Catarina.

Virgínia é missionária da Assembléia de Deus e está iniciando uma missão na comunidade do Balneário dos Prazeres; participa de cultos em outra comunidade, mas quer começar a ministrar cultos na sua casa⁶. Sua família está uma parte em São Paulo — uma irmã e seus pais. Ela mesmo veio de São Paulo e percebe que sua participação no Movimento dos Trabalhadores Desempregados, além de servir para conquistar melhores condições de vida para si, seu marido e sua filha, que está assentada na Sanga Funda, serve também para evangelizar:

Já participava em São Paulo, na época da Erundina, do Orçamento Participativo lá, adoro participar⁷. A gente evangeliza também, a gente cumpre a missão mesmo tendo gente ao redor que não entende da palavra de Deus, como o pessoal da umbanda do grupo.

Nas duas reuniões de que participei junto com Virgínia, no Balneário dos Prazeres, em uma plenária do Coletivo dos Atores Sociais, na Colônia de Férias do Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação, e nas duas aulas a que assisti junto de Neusa, na Colônia de Pescadores Z3, percorrendo as ruas da Colônia com ela para recolher os questionários, percebi que elas têm um cuidado especial com os membros do grupo, perguntam por que faltaram, trazem café e chimarrão para as reuniões, para os encontros. Há uma característica comum de gentileza e cuidado, em relação aos grupos de convívio entre elas que, além da questão de gênero, se institui pela escolha religiosa: são todas evangélicas da Assembléia de Deus ou dissidência dela.

Talvez a delicadeza das evangélicas verificada nesses grupos possa ser decorrência até das práticas comuns de sua religião:

⁴ Novaes ((1985) esclarece a conformação de dissidências na Assembléia de Deus: "No Brasil há pelo menos uma centena de denominações pentecostais, e a homogeneidade não é garantida nem mesmo no interior de uma única denominação. Vejamos o exemplo da Assembléia de Deus: implantou-se no Brasil em Belém do Pará, por iniciativa de dois missionários suecos vindos dos Estados Unidos por volta de 1910. Através da atuação religiosa de seus precursores, com auxílio de outros missionários suecos e americanos que vieram posteriormente e, sobretudo, através da atuação dos novos núcleos, é hoje a denominação que possui maior número de adeptos em território nacional. Apesar da organização que subordina as congregações às igrejas, as igrejas às igrejas-mães e estas aos ministérios, cada organização local se considera um corpo independente. A autonomia das igrejas e congregações se concretiza não só porque são auto-suficientes financeiramente como também porque o são em termos de formação de seus dirigentes. Na ausência ou desvalorização dos Seminários Teológicos para a formação religiosa, os dirigentes são, via de regra, cooptados a nível local e "formados" na prática religiosa cotidiana". (p. 18).

⁵ Neusa contou-me que considerou o critério de seleção muito falho para a escolha dessas famílias beneficiárias dos acessórios de banheiro, pois ela mesma comprou os acessórios de um outro colega, por um preço bem em conta, a pia e o vaso, porque seu colega já possuía banheiro, ficou com os acessórios para vender.

⁶ Essa prática de iniciar os núcleos da religião nas casas é descrita por Rolim (1980).

⁷ Na pesquisa realizada por D'epinay (1970) sobre a participação política dos pentecostais no Chile, no ano de 1965, sendo esta uma investigação que utilizou observação participante e análise de documentos junto a igrejas pentecostais de várias localidades chilenas, afirma-se que a maioria dos fiéis prefere participar de associações de moradores e de sindicatos, pois a responsabilidade é menor do que nos partidos políticos sendo possível "[...] ajudar ao próximo e contribuir para o bem comum" (p. 186).

Os cultos públicos têm lugar algumas vezes por semana, à noite, incluindo os domingos, quando se tomam mais festivos, mais freqüentados e mais solenes. O visitante tem livre acesso a todos eles. Sua presença é mesmo mais do que desejada pelos crentes. Estes convidam amigos, conhecidos ou parentes para os cultos. O proselitismo começa mais pelos olhos, pela sensibilidade do que pela demonstração racional. À porta do templo o visitante das camadas populares é tomado de surpresa, sobretudo se ele ainda é católico ou foi. Um crente bem vestido, temo e gravata, o recebe sorridente, se apressa a levá-lo para tomar um lugar nos bancos e lhe dá um livro de cânticos, por vezes uma Bíblia. Se no templo católico se sentira um estranho e perdido entre desconhecidos, aqui começa por ser tratado por gente. Bem recebido à entrada, é ainda cumprimentado pelos crentes à sua volta. Mas é também identificado. Não é um deles. Mas, quem sabe?, vai ser uma aquisição. Se traz na alma alguma amargura ou tristeza, o acolhimento em que é envolvido já o suaviza (Rolim, 1990, p. 152-153).

A visão evangelizadora de Neusa e Virgínia pode estar perpassando seus grupos de convivência e procurando, com sua delicadeza, conquistar mais adeptos para sua religião. Com sua delicadeza elas tomam o ambiente dos Coletivos de Trabalho, do Movimento dos Trabalhadores Desempregados melhor, de mais fácil convivência.

Acredito que, no planejamento e na execução das políticas públicas, é necessário dar uma atenção especial à presença de evangélicas pentecostais¹² nos grupos, por esse papel evangelizador em que elas se colocam e pelo fato de que, nessas comunidades com grande vulnerabilidade social, essa liderança colabora com o êxito das políticas públicas de cunho social.

No estudo de Novaes (1985), a autora evidencia os comportamentos e as atitudes dos pentecostais que fazem parte do que ela denomina de luta política cotidiana. São comportamentos e atitudes que não se enquadram nos jargões marxistas de formação de consciência de classe, mas que, como relatei nos grupos

de Pelotas, fazem diferença na organização do "miúdo" do grupo, dos micro-espços que de fato compõem a felicidade das pessoas.

Na seqüência do texto, apresento uma ética religiosa diferente da pentecostal, presente entre os sujeitos pesquisados em Pelotas: a ética dos cultos afros.

2. Éticas dos Cultos Afros e Desemprego

Os integrantes dos Coletivos de Trabalho são escolhidos entre si, em audiência pública realizada na comunidade onde ocorrerá o grupo, observando os critérios de tempo de desemprego, número de dependentes, idade, baixa escolaridade. No Balneário dos Prazeres, pelo que pude observar, o pertencimento a cultos afro-brasileiros¹³ foi um fator de aproximação das pessoas, agregador. Uma das coordenadoras do grupo, participante de cursos estaduais do MTD, é mãe-de-santo, coordenadora de uma terreira no bairro, que é freqüentada por um número significativo de pessoas do grupo.

Corrêa (1991), descrevendo as organizações das casas de batuque, afirma que elas se colocam como uma unidade distribuidora de riqueza, daqueles que têm poder aquisitivo e pagam para fazer os trabalhos, para os negros pobres, executores dos trabalhos, que são a maioria dos participantes. Refletindo sobre o fato de os membros dos Coletivos de Trabalho do Balneário dos Prazeres seguirem um culto afro, diante dessa distribuição de riqueza, há uma lógica de se escolherem entre si para participação nos Coletivos de Trabalho. Eles querem ver o grupo bem, com um ganho diante do desemprego, estendendo o papel da terreira como distribuidora de riquezas para os Coletivos, tanto que, quando uma participante decidiu sair do Movimento dos Trabalhadores Desempregados, todos da umbanda também saíram. Permaneceram duas evangélicas que participavam do grupo do Balneário dos Prazeres.

Na exposição realizada por mim aos gestores e participantes dos Coletivos de Trabalho, referente aos dados coletados nos questionários, na sede do SINE¹⁴ de Pelotas, mencionei a religião como fator agregador para o grupo, falei dos evangélicos e do número significativo de umbandistas no Balneário dos Prazeres. Quatro mulheres do Balneário dos Prazeres estavam presentes,

¹² Na conversa que tive com a coordenadora estadual do programa Coletivos de Trabalho, na Secretaria Estadual de Cidadania, Trabalho e Assistência Social, no dia 13/12/02, expondo os resultados do questionário aplicado nos coletivos e pesquisando nos documentos da secretaria sobre implementação e resultado dos coletivos, comentei sobre a presença das evangélicas pentecostais no grupo dos Coletivos de Trabalho de Pelotas e a coordenadora então disse que, no Coletivo de Trabalho do Campo da Tuca, em Porto Alegre, também há uma evangélica com um trabalho de liderança muito bom. Percebi que a coordenadora ficou refletindo sobre o papel agregador das evangélicas nos grupos populares que pesquisei.

¹³ Vecchia (1997) afirma que, no Rio Grande do Sul, em 15 cidades da Província, de 1858 a 1888, havia exigência da licença policial para a realização de batuques, ou eram esses proibidos. "A repressão e a discriminação dos grupos de batuque continuou após a Abolição. Ela só aliviu com o Estado Novo. O que impulsiona à elite criar estas leis é o medo da reunião, da congregação e da organização da resistência dos escravos nesses encontros". (p. 69).

¹⁴ Sistema Nacional de Emprego.

três delas umbandistas — uma inclusive a mãe-de-santo da terra¹⁵. Elas se pronunciaram a respeito dessa minha conclusão da pesquisa. Segue um trecho do diário de campo dessa exposição.

Elisângela uma negra, umbandista, muito bonita, falou que a religião articula, pois ela e mais duas integrantes vão todos os sábados à tarde¹⁶ ao culto da terra. Estão muito unidas. Mas também ocorreram conflitos entre elas e Dona Virgínia. Um dia Dona Virgínia queria realizar uma mística com um livro que falava muito mal das religiões afros. Elas disseram para ela tirar o cavalo da chuva, que, se ela apresentasse o livro, elas argumentariam sobre a religião, e aí Dona Virgínia guardou o livro, não enfrentou o grupo. — Nós somos muito unidos, os metalúrgicos que comentavam que o pessoal do Balneário podia ter problemas, mas, ao se sentirem ameaçados, se uniam.

Penso que talvez a proximidade delas para superarem obstáculos e se unirem, transporem as diferenças, esteja na religião comum.

O comportamento desafiador de Dona Virgínia com o grupo do Balneário dos Prazeres, que é o seu grupo dos Coletivos de Trabalho, em relação aos seus conceitos e preconceitos sobre os cultos afros, que corresponde à crença da grande maioria de seus pares, Novaes (1985) afirma compor o constructo da expressão de fé dos pentecostais: a ênfase na propaganda, ou seja, pregar em todos os locais em que for possível, inclusive locais públicos como as praças, bem como a valentia de confessar a fé diante do inimigo. Virgínia, ao tentar apresentar a mística do MTD, criticando as religiões

afros, baseou-se em uma de suas obrigações como crente: confessar a fé diante do inimigo. No caso dos Coletivos de Trabalho do Balneário dos Prazeres, não pôde concluir sua tarefa porque eram vários inimigos importantes para o grupo e para a religião: uma mãe-de-santo que representa o grupo em atividades estaduais, duas seguidoras da religião e coordenadoras municipais do grupo. Por fim, o inimigo não era tão inimigo assim, melhor compor com ele para continuar nos Coletivos de Trabalho, evitar o confronto direto, cultivando aí a esperteza apregoada por Balandier (1997), mais do que a devoção pentecostal, na medida em que anunciou a possível mística e não a concretizou, tornou indireto o confronto.

Em uma visita que fiz à casa da Elisângela, ela comentou comigo seus conhecimentos sobre os orixás, trabalhos de quatro pés, dois pés¹⁷ — preço desses trabalhos, eficiência... Que existem terreiras que cobram muito pelos trabalhos, a terra de sua colega do MTD, não. Já foi à Igreja católica, em outras religiões, mas é ali que se acha, que se encontra. Em outra terra, teve que sair porque sabia mais que o pai-de-santo. Seu filho mais velho há pouco tempo quis se batizar na terra. Ela não força nada, eles escolhem a religião deles. Elisângela tem dois filhos: um com 10 anos, outro com oito. São batizados em casa pela crença católica.

Conforme o estudo de Mello (1994), o batuque e os cultos afros colocaram-se como espaço de resistência dos negros escravos durante o século XIX. Esses cultos muitas vezes eram reunidos com prisões, muitas aos seus participantes. Reunindo os negros em rituais, utilizando expressões africanas, o grupo persistia com sua cultura, e essa reunião se expressa inclusive na fala dos metalúrgicos, que revelam: a qualquer ameaça, eles se unem. Os primeiros templos de batuque no Rio

¹⁵ No artigo de Corrêa (1991), consta que, no censo do IBGE em 1973, de uma lista de chefes dos cultos afros, para cada homem havia duas mulheres, totalizando 52 mulheres chefes de terreiras para 28 homens. Bianca, a mãe-de-santo da terra frequentada pela maioria dos integrantes dos Coletivos de Trabalho do Balneário dos Prazeres é branca, tem o cabelo liso, olhos claros, o que, no entanto, não elimina sua possível descendência afro, mesmo sem o biotipo físico, conforme Mello (1994): “[...] como nos mostra a literatura recente, a presença dos brancos nos rituais ‘afro-brasileiros’ é atestada pelo menos desde o século XIX, como o demonstram os estudos de João José dos Reis para a Bahia e Yvonne Maggie já no século XX para o Rio de Janeiro. Para efeito de hipótese preliminar, podemos aventar a possibilidade de o batuque no Rio Grande do Sul no século XIX ter se constituído como uma manifestação tipicamente de negros pobres, o que não elimina a hipótese da participação de brancos”. (p. 31).

¹⁶ Corrêa (1991) faz referência aos sábados como um dia de festa para a terra, nos rituais comparecem pessoas de dentro e de fora do templo. Nessas festas, há o encontro do grupo e a reafirmação da identidade do “batuqueiro”.

¹⁷ Nessa conversa que tive com Elisângela, ela me esclareceu que sacrifício com quatro pés era com carneiro, boi, com dois pés, galinha, pombo. O artigo de Corrêa, Norton F. *O Batuque no Rio Grande do Sul - Uma visão panorâmica* é bastante esclarecedor sobre as práticas de sacrifício, tipos de rituais das terreiras, sendo possível, mesmo sem eu visitar a terra frequentada pelo pessoal do MTD do Balneário dos Prazeres, saber que se trata de umbanda, que realiza sacrifícios, trabalhos, como disse Elisângela, com um preço acessível. Para Corrêa, o não-enriquecimento do chefe da terra, no caso de uma integrante do MTD do Balneário, como mãe-de-santo, conquista o respeito dos demais, tendo conhecimento sobre a religião e não enriquecendo a si com os trabalhos, mas garantindo o funcionamento da terra. A mãe-de-santo também sofre com o desemprego e a ocupação precária do marido que é o responsável pela quadra privada de esportes. Quando as pessoas não alugam, o dono da quadra não paga seu salário, diz que não rendeu o negócio, que não possui dinheiro. Ele até saiu desse trabalho, mas, como não encontrou um melhor e lhe buscaram em casa para reassumir, voltou. Seu filho mais velho já está formado em Eletrônica pela Escola Técnica Federal, mas não conseguiu emprego ainda. Sua filha já terminou o Ensino Médio e também não consegue trabalho. Ela (que é mãe-de-santo da terra) fazia algumas faxinas. Agora não tem mais, o que tem para sobreviver é o recurso dos Coletivos de Trabalho e o salário do marido, quando ele recebe.

Grande do Sul, conforme Côrrea, pelos registros de história oral, ocorreram em meados do século XIX e teriam sido fundados, em Pelotas ou Rio Grande, por africanos ou seus descendentes da primeira geração. Em função de semelhanças com os rituais de Xangô, no Recife, é possível que suas raízes sejam daquela região.

Nos Coletivos de Trabalho do Balneário dos Prazeres – MTD, havia a presença de um homossexual absolutamente integrado ao grupo. Quando ocorreu a ocupação na área da Veja, pelo MTD, no caminho para a cidade de Capão do Leão, foi um dos que permaneceu, no meio do barro, ainda me falou: "Fico para cuidar da Elisângela, senão ela fica praticamente sozinha, todo mundo do grupo foi embora".

Permaneceu ele e um sobrinho no acampamento. Conforme Corrêa (1991), é muito comum nos cultos afros o respeito aos homossexuais, que inclusive podem ocupar um lugar de destaque na hierarquia do grupo, pois sempre um casal de orixás governa o indivíduo: um a cabeça e o outro, o corpo; os orixás passam para os filhos suas características, principalmente o que governa a cabeça:

O fato de haver esta transmissão de caracteres, de "pai" para "filho", introduz uma questão interessante e já estudada por Fry (1982) e outros, que é a homossexualidade nas religiões afro-brasileiras. No Batuque, em função da ocorrência desta transmissão, o indivíduo não é culpado de ser homossexual, tal como ocorre fora do culto. De fato, há muitos homossexuais no Batuque, mas em geral são muito bem aceitos e respeitados. Alguns deles são ou foram chefes de grande prestígio entre toda a comunidade do Batuque e mesmo na "sociedade branca". (Corrêa, 1991, p. 158).

Nos outros grupos dos Coletivos de Trabalho, não encontrei nenhum homossexual, assim como entre os alunos do Integrar do Sindicato da Alimentação, com os quais convivi na formatura. No MTD do Balneário dos Prazeres, muitas vezes o homossexual era chamado pelo nome feminino que adotou. Nos cadernos das aulas dos cursos, possuía esse nome feminino na capa. Na parada gay da cidade, vários do grupo o acompanharam, apolaram-no. Talvez sua inclusão no grupo ocorra pelo favorecimento da religião afro, desprovida de preconceito, diferentemente das demais crenças que, muitas vezes, associam à opção homossexual um desvio grave, pecado.

Os dois filhos de Ana Amélia participavam de um grupo de teatro de crianças, cujos encontros aconteciam na terraço ao lado de sua casa no bairro Getúlio Vargas. Havia a perspectiva de a apresentação do teatro ser patrocinada pelo Sindicato dos Vigilantes de Pelotas. Um espaço de sociabilidade importante das crianças é junto da terraço, da qual, segundo os meninos me falaram, Ana Amélia também participa.

Nas últimas décadas, conforme Mello (1994), que realiza uma pesquisa nos jornais de Pelotas sobre a presença dos batuques, carnavais como cultura de resistência dos negros, o papel dos cultos afros pode ser assim expresso:

As religiões populares, e o batuque pode ser aí incluído, na busca de justiça, se constituem não só como paliativos para as desgraças reais de um cotidiano percebido como sem saída, mas também como elaboração realista e consciente das adversidades do cotidiano, funcionando como pólo de resistência numa sociedade onde a cidadania foi recusada para a maioria e onde a opressão é a regra de existência social das camadas populares (Mello, 1994, p. 53).

O autor faz referência ao período escravista, mas, em um quadro de desemprego, o batuque se coloca como uma opção realista, reúne as pessoas, faz com que elas se identifiquem, se defendam, como ocorre no Balneário dos Prazeres.

Clarice, a esposa de Éverton Rodrigo (egresso do Integrar Alimentação), contou que a primeira compra de Éverton quando mudaram para sua casa própria no Dunas foi um quadro de São Jorge. O quadro tem uma fita vermelha pendurada, está em local de destaque na parede. Na casa de Ana Amélia, há também um quadro de São Jorge na soleira da porta de entrada pelos fundos da casa, que dá para a cozinha, e uma santa, que, se não me engano, é Santa Bárbara, em um buraco existente no tijolo próximo da geladeira. Falaram que já deixaram esse buraco para colocar a santa. Os dois são negros: Ana Amélia e Éverton Rodrigo, devotos de São Jorge, santo vinculado aos cultos afros.

3. Pelas Éticas Religiosas

Nos meios populares, as religiões cumprem um papel socializador e pedagógico fundamental. Nessa perspectiva, podem também ser pensadas com um caráter compensatório, diante de tantas interdições para a providência das condições mínimas de existência no momento atual de desordem. Na concepção de desordem de Balandier, que sugere o "antídoto" para a incerteza que a desordem promove,

O ato de crer é o remédio para a doença da incerteza, senão o único, pelo menos o mais antigo. Não cura, mas tranquiliza. Quando a incerteza afeta regularmente as maneiras de ser, transforma-se em ameaça onipresente no curso ordinário das vidas, exaspera a busca das crenças às quais se apegar. (1999, p. 240).

Há incertezas no momento atual na *maneira-de-ser-assalariado, na maneira do entendimento do trabalho assalariado como meio de sobrevivência do sujeito e sua família*. Balandier, vislumbrando a religião como remédio, menciona a crise das instituições religiosas, seus processos de privatização, mercantilização e fetichização. No entanto, para as conclusões da presente pesquisa, não há uma ênfase em tais aspectos relativos às instituições religiosas, que no Brasil é possível observar com o crescimento dos cultos pentecostais, proprietários inclusive de canais de televisão, outrossim uma positividade no comportamento, nas atitudes dos sujeitos identificados com as crenças religiosas, sobretudo os pentecostais e a umbanda.

Durante a pesquisa de campo em Pelotas, sobretudo as mulheres com as quais convivi dos Coletivos de Trabalho dão sentido à sua vida, tão cheia de dificuldades e privações impostas pelo desemprego, ao mesmo tempo em que revelam um agir ético, cuidadoso junto aos seus grupos.

De certa forma, as seitas protestantes inglesas, presentes durante o século XVII, conforme Hill (1987), eram contra o assalariamento, quando do nascedouro das fábricas, em defesa do bem-estar das pessoas, já que as jornadas de trabalho nas fábricas, naquela época, encurtavam muito a vida e eram repletas de sacrifício. Hoje, no Brasil, essas pessoas, que são membros de confissões protestantes pentecostais, são motivadoras de outras alternativas que não o assalariamento, estimulam a participação na ótica do bem-estar de todos, sobretudo o seu bem-estar e o de sua família.

Tentando estabelecer algumas analogias, evitando entendimentos apressados, sem o devido aprofundamento dos diferentes contextos históricos, no século XVII, ser contra o assalariamento era servir a Deus. Já no século XXI, ser favorável a outras alternativas de sobrevivência não atravessadas pela carteira assinada é um estímulo à vida, também é servir a Deus.

Thompson (1997) também revela o papel dos cultos quacres e batistas, os quais ele denomina como "dissidência" à religião Anglicana oficial, em relação à formação da classe operária na Inglaterra durante o processo da Revolução Industrial. Nos espaços dos cultos, os trabalhadores eram livres, autônomos, alheios à tirania dominante, a exemplo dos pentecostais estudados. Esses espaços determinavam sua vida:

E isso nos lembra que a fé numa vida do além serviu não só como um consolo para os pobres, mas também como um pouco de compensação emocional pelos sofrimentos e injustiças sociais: era possível imaginar a "recompensa" dos humildes e gozar de uma certa vingança sobre seus opressores, ao imaginar seus tormentos futuros (Thompson, 1997, p.34).

O autor destaca estudos sobre o período que afirma o caráter estabilizador e regressivo das dissidências religiosas por um lado e, por outro, responsável pela organização e autoconfiança dos trabalhadores, ou seja, apesar das pregações moralistas e conservadoras, inclusive de submissão do operário à disciplina da fábrica pelo Metodismo, houve contribuição das dissidências religiosas para a organização dos trabalhadores ingleses do século XVIII, ponderações com as quais concordo, pois, no momento atual, não há uma conformação "revolucionária" nos cultos pentecostais. No entanto, as pessoas das classes populares se consideram sujeitos, "irmãos", estudam a Bíblia, aprendem a falar em público. "O campo era governado pela pequena nobreza, as cidades por corporações corruptas, a nação pela mais corrupta corporação de todas: mas a capela, a taberna e o lar eram seus". (Thompson, 1997, p. 53).

De certa forma, os pentecostais e umbandistas encontram nos Coletivos de Trabalho espaço de atuação legítimos para si como seus locais de culto, oração.

O pertencimento religioso das pessoas é evidenciado pela pesquisa, seja através dos pentecostais que se colocam como liderança evangelizadora, tendo cuidado, gentileza com os participantes do grupo, observando se estão bem, o porquê de suas faltas nas atividades; seja os umbandistas com o potencial articulador do grupo, a união como se fosse uma espécie de "tribo" — atingindo a um, atinge-se a todos.

Os vínculos estabelecidos pelas pessoas a partir da religião sinalizam para outros processos de conformação de identidade, de pertencimento a grupos que não aqueles pautados pelo trabalho: *ser metalúrgica, ser comerciária, outrossim ser evangélica*.

A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como força o compromisso emocional. Formulado como *mana*, como *Brahma* ou como Santíssima Trindade, aquilo que é colocado à parte, como além do mundano, é considerado, inevitavelmente, com tendo implicações de grande alcance para a orientação da conduta humana. Não sendo meramente metafísica, a religião também não é meramente ética. Concebe-se que a fonte de sua vitalidade moral repousa na fidelidade com que expressa a natureza fundamental da realidade. Sente-se que o que "deve" poderosamente coercitivo cresce a partir de um "é" fatural e abrangente e, dessa forma, a religião fundamenta as exigências mais específicas da ação humana nos contextos mais gerais da existência humana (Geertz, 1978, p.143, grifos do autor).

A ética religiosa pressupõe um contexto específico, como coloca Geertz, não é *meramente ética*. Essa moral, essa fidelidade produzida pela religião está adequada às condições materiais de existência, que, no caso dos Coletivos de Trabalho, são condições precárias, vulneráveis, em que a solidariedade e o compromisso com o outro são valores, práticas, contribuições essenciais.

Torna-se, então, a prática religiosa fator compensatório em momentos difíceis, como situações de desemprego, elemento agregador para a organização das pessoas, revelador de suas posturas nos grupos.

Logo, é importante que os gestores das políticas públicas valorizem as práticas religiosas dos grupos populares, que apresentam delineamento de desordem frente à ordem das tradicionais intervenções marxistas pela consciência de classe pautada pelo trabalho, cega das escolhas religiosas das pessoas e de todas as implicações¹⁸ éticas, estéticas e materiais que essas escolhas podem resultar, e que, nesta pesquisa, como se comprova, têm resultados, fazem diferença.

Referências:

- BALANDIER, Georges. **O contorno: Poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- _____. **O dédalo: Para finalizar o século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CORRÊA, Norton Figueiredo. O Batuque no Rio Grande do Sul: uma visão panorâmica. In: TRIUMPHO, Vera (org.). **Rio Grande do Sul: Aspectos da Negritude**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo - Sociedade e Cultura no Início da França Moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- D'EPINAY, Christian Lalive. **O Refúgio das Massas: Estudo Sociológico do Protestantismo Chileno**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- JAKOBSEN, Kjeld et al. **Mapa do Trabalho Informal - Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo**. São Paulo: Perseu Abramo, Central Única dos Trabalhadores/Brasil, 2000.
- ANDAR com fé eu vou. **Jornal da Cidadania**, Rio de Janeiro, p. 4, dez. 1999 / jan. 2000.
- MELLO, Antonio Lirio de. **Reviras, Batuques e Carnavais: A cultura da resistência dos escravos em Pelotas**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 1994.
- NOVAES, Regina. **Os escolhidos de Deus: Pentecostais, trabalhadores e cidadania**. São Paulo: Marco Zero, 1985.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. **Religião e Classes Populares**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- SANTOS, Simone Valdete dos. **O Ser e o Estar de Luto na Luta: Educação Profissional em Tempos de Desordem Ações e Resultados do PLANFOR / Qualificar na cidade de Pelotas/RS (2000-2002)**. Porto Alegre: UFRGS, Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- THOMPSON, Edward. P. **A Formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. v.1.
- VECCHIA, Agostinho Mario Dalla. **As noites e os dias: Elementos para uma economia política da forma de produção filhos de criação**. Tese de Doutorado – Pós-Graduação em História do Brasil, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- WEBER, Max. As seitas protestantes e o Espírito do Capitalismo. In: **Max Weber - Ensaios de Sociologia**. Gerth e Mills (Orgs.) Rio de Janeiro: Zahar, 1944.

¹⁸ Nos estudos de casos da obra "Brasil desempregado" de Jakobsen et al. (2000), há referência aos catadores de papel em São Paulo: "Os catadores entrevistados trabalham organizados em cooperativas; fora isso, seus vínculos associativos restringem-se à participação em alguma Igreja, evangélica ou católica, sendo que um deles declarou que participa da associação de moradores da favela onde reside" (p.49, grifo meu). Pela pesquisa que ora apresento, a participação na religião é o diferencial, não a restrição. O envolvimento nos ritos favorece a solidariedade, o cuidado.